



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística
e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 4

Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:
Perspectivas Críticas e Teóricas 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 4 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 4) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-704-8 DOI 10.22533/at.ed.048190910 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No quarto volume deste e-book abrangente das áreas de Letras, Linguísticas e Artes, o leitor encontrará uma possibilidade de textos capazes de problematizar sua intervenção como agente protagonista e pesquisador, pois em cada reflexão são apontados inúmeros caminhos capazes de direcionar o leitor atento a problematizar sua proficiência e autonomia. Todo esse caminho discursivo se concretiza nas reflexões dos vinte e oito capítulos, que, certamente, contribuirão com a ampliação do leitor.

No primeiro capítulo, a autora relaciona a formação identitária visual dos alunos diante das influências do imaginário e do cotidiano escolar. No segundo capítulo, a temática do letramento em língua portuguesa para a pessoa surda representa o foco. No terceiro capítulo, discute-se a poética no curso de dança, por meio do *livro de artista*. No quarto capítulo, os autores analisam a construção da identidade, baseando-se em uma investigação de cunho analítico.

No quinto capítulo, são reconstruídos os percursos em torno da memória, sobretudo, do termo *reza*. No sexto capítulo, os modos de organização da linguagem artística dança são problematizados a partir das reflexões reveladas ao longo do estudo. No sétimo capítulo, os autores analisam o multiculturalismo e a aquisição de um novo idioma. No oitavo capítulo, a concepção à especialidade *autismo* é analisada na relação com os envolvidos no espaço escolar.

No nono capítulo, o contexto do Brasil quinhentista é apresentado a partir de uma análise historiográfica linguística. No décimo capítulo, a leitura é problematizada nos espaços do livro e das novas tecnologias digitais inseridas nos contextos de ensino. No décimo primeiro capítulo, o autor traz para a sala de aula as reflexões de Bakhtin, reafirmando a necessidade propositiva de utilização do autor no processo de ensino e aprendizagem na escola. No décimo segundo capítulo, é analisada a grotescalização da linguagem cômica europeia e a cultura cômica brasileira contemporânea.

No décimo terceiro capítulo, a autora analisa uma obra literária, apresentando questões sobre a personagem principal. No décimo quarto capítulo, o autor reflete, a partir de uma obra literária, além de problematizar questões e propor a ampliação de olhares sobre o texto literário. No décimo quinto capítulo, a autora rediscute a importância da Arte na educação infantil. No décimo sexto capítulo, a autora estabelece um processo de compreensão em dança, associando-o com os demais elementos na arte do movimento.

No décimo sétimo capítulo, a autora amplia a visão dos leitores sobre processos criativos em Rede Digital. No décimo oitavo capítulo, a autora coloca em destaque a presença do professor e do Ser professor. No décimo nono capítulo, há a proposição de um diálogo harmônico com uma ópera. No vigésimo capítulo, enfatiza-se a importância do ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos.

No vigésimo primeiro capítulo, as autoras refletem como a noção de sujeito foi sendo construída nos estudos linguísticos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras abordam a educação informal como possibilidade de interação afetiva entre seis irmãos. No vigésimo terceiro capítulo, os autores descrevem as vivências de estudantes e, para isso, utilizam a linguagem midiática. No vigésimo quarto capítulo, os autores analisam, reflexivamente, as criações poéticas investigadas.

No vigésimo quinto capítulo, a autora coloca em destaque dois idiomas no campo da discussão. No vigésimo sexto capítulo, os autores colocam em destaque a corporeidade de um povo indígena. No vigésimo sétimo capítulo, a autora discute conceitos essenciais para multimodalidade. E, por fim, no vigésimo oitavo e último capítulo, a autora apresenta reflexões sobre a importância da literatura para o desenvolvimento do ser humano em sua complexidade, bem como sobre a viabilidade de desenvolver um trabalho com gêneros textuais baseado no Interacionismo Sociodiscursivo, de Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (1999), como uma possibilidade de sistematização do ensino de literatura em língua inglesa.

No término desta sucinta apresentação ficam explícitos os múltiplos desejos de que todos os leitores tenham a oportunidade de investigar novos caminhos, sendo eles desejosos de encontrar as respostas para suas próprias indagações.

Ivan Vale de Sousa.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE VISUAL E APROPRIAÇÃO ARTÍSTICA – O NOME COMO MARCA	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.0481909101	
CAPÍTULO 2	13
LETRAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA PESSOA COM SURDEZ	
Esmeraci Santos do Nascimento	
Antonia Luzivan Moreira Policarpo	
DOI 10.22533/at.ed.0481909102	
CAPÍTULO 3	23
LIVRO DE ARTISTA: ENSINO E POÉTICA NO CURSO DE DANÇA	
Carla Carvalho	
Mariana Lopes Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.0481909103	
CAPÍTULO 4	35
LUGAR DA IDENTIDADE EM MULAN: FEMININO OU MASCULINO?	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.0481909104	
CAPÍTULO 5	48
MEMÓRIAS SOBRE A REZA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SOLO “PÉ DE OLIVEIRA”	
Ewellyn Elenn de Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0481909105	
CAPÍTULO 6	54
MODOS ORGANIZATIVOS EM DANÇA: A VULNERABILIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ATRAVESSAMENTOS	
Adriana Bittencourt Machado	
Ireno Gomes da Silva Junior	
DOI 10.22533/at.ed.0481909106	
CAPÍTULO 7	61
MULTICULTURALISMO E A AQUISIÇÃO DE UM NOVO IDIOMA	
Fabio da Silva Pereira	
Janiara de Lima Medeiros	
Marcela Pinto Reis	
Melissa Jacob Otoni de Souza	
Monique Oliveira	
Ohana Gabi Marçal dos Passos	
DOI 10.22533/at.ed.0481909107	

CAPÍTULO 8	73
O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO DE GESTÃO	
Anitereze Sevalho Lopes Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.0481909108	
CAPÍTULO 9	85
O BRASIL QUINHENTISTA E A HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA: INTERFACES	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.0481909109	
CAPÍTULO 10	99
O ESPAÇO DO LIVRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: PROBLEMATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA LEITURA	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.04819091010	
CAPÍTULO 11	112
NA SALA DE AULA COM MIKHAIL BAKHTIN	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.04819091011	
CAPÍTULO 12	123
O GROTESCO NA CULTURA MEDIEVAL EUROPEIA E A GROTESCALIZAÇÃO NA NOVA PERCEPÇÃO HISTÓRICA E MIDIÁTICA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	
Everaldo dos Santos Almeida Roberto Max Louzeiro Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.04819091012	
CAPÍTULO 13	135
O INVERNO DE BÁRBARA: UMA ANÁLISE DO CONTO “BÁRBARA NO INVERNO”, DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.04819091013	
CAPÍTULO 14	145
PEDAÇOS DE PAISAGENS AQUI DENTRO: ASPECTOS DA PROSA LUSITANA OITOCENTISTA EM EÇA DE QUEIRÓS, FIALHO DE ALMEIDA E TRINDADE COELHO	
André Carneiro Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.04819091014	
CAPÍTULO 15	157
PERCEBER O OLHAR ATENTO DAS CRIANÇAS SOBRE O MUNDO PERMITE REALIZAR PROPOSTAS CONVIDATIVAS DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Renata Pereira Navajas Mancilha Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.04819091015	
CAPÍTULO 16	166
PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA: IMPROVISÇÃO, SONS E IMAGENS	
Juliana Cunha Passos	
DOI 10.22533/at.ed.04819091016	

CAPÍTULO 17	184
PROCESSOS CRIATIVOS EM REDE DIGITAL: POR QUE INTERPRETAR A NÓS MESMOS + [POR UMA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA]	
Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.04819091017	
CAPÍTULO 18	192
PROFESSOR TAMBÉM FAZ ARTE: O DESENHO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA	
Iêda Maria Loureiro de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.04819091018	
CAPÍTULO 19	202
QUANDO O BALÉ FALA DE SI MESMO: O SUSPIRO DE VERONIQUE DOISNEAU	
Rousejanny da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.04819091019	
CAPÍTULO 20	208
RESISTÊNCIA POLÍTICA CRIADORA: ARTE NA EJA PARA ALÉM DO LETRAMENTO	
Fernando Bueno Catelan	
DOI 10.22533/at.ed.04819091020	
CAPÍTULO 21	217
REVISITANDO A NOÇÃO DE SUJEITO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM	
Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio	
Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes	
DOI 10.22533/at.ed.04819091021	
CAPÍTULO 22	227
SOMOS SEIS: ARTE E POÉTICA DO COTIDIANO NA ESTÉTICA DAS RELAÇÕES	
Tarcila Lima da Costa	
Fernanda Maria Macahiba Massagardi	
DOI 10.22533/at.ed.04819091022	
CAPÍTULO 23	238
SOMOS TODOS IGUAIS NAS DIFERENÇAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-SOCIAL A PARTIR DO VÍDEO CLIPE “BLACK OR WHITE”, DO ARTISTA MICHAEL JACKSON	
Laura Paola Ferreira	
Fabrício Andrade	
Aline Choucair Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.04819091023	
CAPÍTULO 24	247
SUSPENDAMOS A TAÇA PELOS DIAS QUE VIVEU: A CRIAÇÃO POÉTICA SOB A PERSPECTIVA DA RECORDAÇÃO EM POEMAS DE RUY BARATA	
Adonai da Silva de Medeiros	
Elielson de Souza Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.04819091024	

CAPÍTULO 25	266
TEACHING FOREIGN LANGUAGES IN FRANCE: THE CASE OF PORTUGUESE AND SPANISH	
Carolina Nogueira-François	
DOI 10.22533/at.ed.04819091025	
CAPÍTULO 26	277
TORÉ INDÍGENA TABAJARA: DANÇA, CULTURA E TRANSFORMAÇÕES	
Cristina da Conceição Resende	
Victor Hugo Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.04819091026	
CAPÍTULO 27	283
UM DEBATE METODOLÓGICO PARA TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE MULTIMODAL DE CORPUS AUDIOVISUAL	
Larissa de Pinho Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.04819091027	
CAPÍTULO 28	295
A FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES TEATRAIS EM COMUNIDADES DE MANAUS: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA QUE CONSIDERA AS DIMENSÕES DE CULTURA POPULAR, ARTE E VIDA E O SABER DA EXPERIÊNCIA	
Amanda Aguiar Ayres	
DOI 10.22533/at.ed.04819091028	
SOBRE O ORGANIZADOR	306
ÍNDICE REMISSIVO	307

O GROTESCO NA CULTURA MEDIEVAL EUROPEIA E A GROTESCALIZAÇÃO NA NOVA PERCEPÇÃO HISTÓRICA E MIDIÁTICA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Everaldo dos Santos Almeida

Faculdade Pitágoras de São Luís e da Faculdade Edufor, São Luís-Maranhão

Roberto Max Louzeiro Pimentel

Faculdade Pitágoras de São Luís, São Luís-Maranhão

RESUMO: A presente investigação analisará a grotescalização da linguagem cômica medieval europeia, apresentada por François Rabelais, e a cultura cômica midiática brasileira na contemporaneidade. Como recorte de reflexão, serão analisados os bordões veiculados pela programação de entretenimento da televisão brasileira em contextos cômicos da atual sociedade. Busca-se entender como a televisão transforma o mundo: o mundo da linguagem, a comunicação política, a publicidade, os lazeres, o mundo da cultura. Daí em diante, existe apenas o que é visto na tevê, e visto pela massa, partilhado por todos. É o triunfo da sociedade da imagem e de seus poderes: a televisão aberta para o mundo. As principais teorias utilizadas que discutem os sujeitos foram pensadas a partir dos pressupostos sobre o sujeito; por ponderações sobre uma sociedade efêmera e desorientada na hipermodernidade; pelas contribuições do dialogismo bakhtiniano; por Karl Marx e Theodor Adorno ao dedicarem-se sobre a indústria cultural nas sociedades

capitalistas, nesta abordagem a comicidade dos bordões funciona como o fetiche da mercadoria sociolinguística; além das inserções de Michel Pêcheux. Daí em diante, é pela carnavalização da linguagem que o mundo existe e que os homens o conhecem como ele se dá a ver, com a visão, a hierarquia, a forma, a força que a imagem lhe confere.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e estudos culturais. Ideologia. Comicidade histórica. Dialogismo.

ABSTRACT: This research will analyze the grotescalization of European medieval comic language, presented by François Rabelais, and contemporary Brazilian comic media culture. As a reflection cut, we will analyze the broadcasts conveyed by the entertainment programming of Brazilian television in comic contexts of the current society. It seeks to understand how television transforms the world: the world of language, political communication, advertising, leisure, the world of culture. Henceforth, there is only what is seen on TV, and seen by mass, shared by all. It is the triumph of the society of the image and of its powers: the television open to the world. The main theories used that discuss the subjects were thought from the assumptions about the subject; by considerations about an ephemeral and disoriented society in hypermodernity; by the contributions of

Bakhtinian dialogism; by Karl Marx and Theodor Adorno as they devote themselves to cultural industry in capitalist societies, in this approach the comedy of broadsides functions as the fetish of sociolinguistic commodity; besides the insertions of Michel Pêcheux. From then on, it is by the carnivalization of language that the world exists and that men know it as it comes to view, with the vision, hierarchy, form, force that the image gives it.

KEYWORDS: Literature and cultural studies. Ideology. Historical comity. Dialogism.

1 | INTRODUÇÃO

Tendo como ponto de partida o entrelaçamento entre linguagem, literatura, cultura cômica popular na Idade Média, suas características originais e dimensões na cultura cômica contemporânea brasileira a partir do trabalho midiático televisivo, propomos a discussão da carnavalização da linguagem no cotidiano dos falantes. Esse interesse surgiu pela necessidade de se discutir, e despertar, para uma produção literária moderna que considere a importância dos estudos em que a história cultural do riso e da hilaridade podem ser um campo para se discutir literatura e memória cultural de um povo.

A programação de entretenimento da televisão brasileira se apropria do riso como uma natureza específica que o riso propicia, uma forma totalmente deformada porque lhe são aplicadas ideias alheias, já que se formaram sob a égide de uma cultura e da estética burguesa dos tempos modernos, fazendo com que a profunda originalidade da antiga cultura cômica popular não foi ainda revelada.

Entretanto, a amplitude e importância na Idade Média e no Renascimento eram consideráveis. O riso não se limitava a uma expressão de liberdade capaz de deflagrar não só um certo bem-estar, mas fincava-se, também, em uma relação política de oposição à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. E dentro de sua diversidade encontramos as festas carnavalescas, os risos e cultos cômicos especiais, os bufões e todos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme. Essas manifestações possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, una e indivisível.

A cultura popular da Idade Média tipificou as múltiplas manifestações em três grandes categorias. Entretanto, esta investigação discutirá acerca de *as formas dos ritos e espetáculos*, a saber: os festejos carnavalescos, obras cômicas representadas em praças públicas etc., e sobre *as diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro*, a saber: os insultos, juramentos, *blasões* populares etc. Esta categoria será também relacionada com a comicidade popular brasileira na contemporaneidade, assim como suas relações sociais e culturais do povo brasileiro.

Aqui, tomamos emprestado o termo carnaval no sentido de subversão criativa e libertária; uma manifestação cultural de extrema força criativa, uma ruptura das

formas clássicas de linguagem, de comportamento, de liberdade não cerceada. É assim que a mídia humorística da televisão brasileira se apropria dos elementos linguísticos presentes na história cultural do povo brasileiro, e, a partir disso, devolve uma produção em formato televisivo que originalmente foi oriunda da própria história cultura do povo.

Os festejos do carnaval, assim como todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval, da mesma forma como ainda ocupa na contemporaneidade. Além dos carnavais propriamente ditos, que eram acompanhados de atos e procissões complicadas que enchem as praças e as ruas durante dias inteiros, celebravam-se também a “festa dos tolos” e a festa do asno”; existia também um “riso pascal” muito especial e livre, consagrado pela tradição. Além disso, quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição.

A carnavalização apresenta-se como uma forma livre de expressão que assume a concepção de subverter estruturas já concebidas, fazendo com que ideias já postas sejam profundamente reorganizadas no que tange a propiciar uma outra maneira de se pensar o lugar dos esquemas arquetípicos e nas agências que regulavam o funcionamento social.

Apesar de a Idade Média ter se caracterizado por inexoráveis posturas religiosas, a expressiva presença do riso nesta época foi evidenciada pela não hegemonia dos princípios dogmáticos da religião, apesar de certas paródias religiosas terem sido representadas pela carnavalização. É sensato ter sido assim já que a carnavalização envolvia tudo aquilo que envolvia o povo. O carnaval também, apoiado no riso, era muito mais que uma forma de expressividade festiva do povo, mas junto a ele presentificavam-se elementos uma concepção de mundo imanentemente registrada com um sentido profundo para se repensar a vida.

É pela linguagem que os homens interagem com o mundo, fazendo com que níveis de consciência assumam posicionamentos importantes no processo de humanização e representação da vida. Assim também ocorria com o carnaval no momento em que a linguagem assumia uma linguagem peculiar de interpretar um mundo sempre transformacional; um mundo de ambiguidades e contrariedades; um mundo sempre marcado pela própria e sempre intrínseca ambivalência humana.

O objetivo essencial desta discussão é tornar compreensível o estado de arte da linguagem presente nas esferas históricas do riso. Sem conhecê-la bem, não poderíamos compreender verdadeiramente como o sistema de imagens rabelaisianas dialoga com a linguagem cômica da cultura contemporânea brasileira.

2 | A CARNAVALIZAÇÃO DA LINGUAGEM

A linguagem é uma marca identitária suficientemente marcada por aspectos próprios de produção. Isto é, produção linguística considera elementos semióticos

e circunstanciais para sua efetivação. Mas o verbal ocupa lugar privilegiado na estruturação do dizível. Sobre a relação da comicidade com o linguístico, uma segunda forma de cultura cômica são as obras verbais. Não se trata de folclore, embora algumas dessas obras em língua vulgar possam ser consideradas assim. Essa literatura está imbuída da concepção carnavalesca do mundo; utiliza amplamente a linguagem das formas carnavalescas, desenvolvia-se ao abrigo das ousadias legitimadas pelo carnaval, e na maioria dos casos, estava fundamentalmente ligada aos festejos de tipo carnavalesco cuja parte literária costumava representar. O papel literário nesse percurso, é reforçado por Frye ao articular os elementos da tragédia e da literatura ao dizer:

Afora a tragédia, todas as ficções literárias podem ser plausivelmente explicadas como expressões de ligações emocionais, sejam da realização de desejos ou de repugnância: a ficção trágica garante, por assim dizer, uma qualidade desinteressada da experiência literária. É, em grande parte, por causa das tragédias da cultura grega que a percepção da base natural autêntica do caráter humano chega à literatura. No romance, as personagens são ainda predominantemente personagens de sonhos; na sátira, elas tendem a ser caricaturas; na comédia, suas ações são torcidas para se encaixar nos requisitos de um final feliz. Na tragédia completa, as personagens principais estão emancipadas do sonho, uma emancipação que é ao mesmo tempo uma restrição, porque a ordem da natureza está presente (FRYE, 2014, p. 349).

As expressões cômicas, como resultado, fizeram surgir novas formas linguísticas como os gêneros inéditos, mudanças de sentido ou eliminação de certas formas desusadas etc. Por exemplo, quando duas pessoas criam vínculos de amizade, a distância que as separa diminui (estão em “pé de igualdade”) e as formas de comunicação verbal mudam completamente: tratam-se por tu, empregam diminutivos, às vezes mesmo apelidos, usam epítetos injuriosos que adquirem um tom afetivo; podem chegar a fazer pouco uma da outra, dar palmadas nos ombros e mesmo no ventre, não necessitam polir a linguagem nem observar os tabus, podem usar, portanto, palavras e expressões inconvenientes etc.

A linguagem carnalizada rompe com uma forma de dizer estereotipada, presumida e esperada. A linguagem é uma das primeiras manifestações de (re)criação da própria vida. A linguagem reclama seu lugar de intermediação entre o homem e o mundo, um artifício muito mais do que a capacidade de exprimir, mas de múltiplas expressões em que os homens se materializam; uma forma de relacionamento com o mundo em que as palavras e as coisas travam uma arena de lutas e mudanças. Assim, o riso não era apenas uma simples explosão ou manifestação, mas indubitavelmente era uma linguagem que trazia fortes significados no contexto social da Idade Média, como aponta como aponta Bakhtin ao dizer que:

A atitude do Renascimento em relação ao riso pode ser caracterizada, da maneira geral e preliminar, da seguinte maneira: o riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma

diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais deve admiti-lo da mesma forma que o sério: somente o riso, com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo (BAKHTIN, 2013, p. 57).

Paradoxalmente, o riso evoca, indubitavelmente, questões sérias que envolvem a sociedade e como uma dada sociedade se relaciona com abordagens inexoravelmente importes. Sobre o material linguístico e o riso, é oportuno dizer que configuração da linguagem e seus fenômenos realizaram-se muito lentamente. E a linguagem representava o elemento grotesco, rompedor das formas fixas da cotidianidade, como diz Damatta.

Raros são os momentos em que percebemos o poder e o peso da totalidade com sua rede de ultradeterminações. Um desses momentos, no caso da sociedade brasileira, seria durante o carnaval, já que este é um ritual com uma ideologia universalizante e abrangente, envolvendo globalmente o sistema e permitindo no seu bojo todos os personagens, gestos fantasias e músicas (DAMATTA, 1997 p. 160).

Historicamente, o corpo sempre foi um lugar de representação das transformações. Um espaço de linguagem ocupado pelas marcas do tempo e das ideias. Portanto, sempre um lugar esperado na cultura popular, e a corporificação do riso assumia no corpo sua materialidade obtida na cotidianidade que servia como inspiração.

3 | A HISTÓRIA CULTURA DO HUMOR

O estudo sistemático do humor tem seu início na Antiguidade. Tem-se, a título de exemplo o segundo livro de Aristóteles, *Poética*, dedicado à comédia; Cícero, e suas discussões sobre o humor, fez importantes contribuições a respeito do humor para o vocabulário romano.

Ainda na Antiguidade, rir ou imitar os gestos e as maneiras de outras pessoas eram interpretados como atos indignos, indecentes. Além disso, o riso e o humor eram constantemente associados às classes mais baixas. Mas, apesar do humor e do riso terem esses traços, como aponta seu estudo cultural, muitos intelectuais revelavam um ascendente conhecimento do gênero. Às mulheres era permitido assistirem às comédias gregas, apesar de movimentos contrários à essa permissão, pois, em geral, o lugar delas era na ambiência doméstica e não nos espaços públicos. Vê-se com isso, que o humor entre as mulheres era algo visivelmente difícil de se encontrar na Idade Média.

A noção que se tem sobre o humor é relativamente nova. Seu registro data de 1682, na Inglaterra. Antes disso, ele tinha o significado de *disposição mental* ou *temperamento*. Conceituando humor, Roodenburg acrescenta:

Empregamos a palavra em seu estado mais genérico e neutro, de modo a cobrir uma ampla variedade de estilos: de apotegmas à troca de palavras, dos trotes

aos trocadilhos, da farsa à sandice. Em outras palavras, entendemos o humor como qualquer mensagem – expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou música – cuja intenção é a de provocar o riso ou um sorriso (ROODENBURG, 2000, p.13)

Tal conceituação faz com que se faça uma rápida consideração, desde a Antiguidade até a contemporaneidade, sobre como o humor era encarado através de sua trajetória histórica e cultural. Por ter um aporte histórico, era relevante se saber como o humor era transmitido, por quem era transmitido – já que o humor e o riso não eram fenômenos das altas hierarquias-, para quem e quando o humor era transmitido.

Embora o humor deva provocar o riso, nem todo riso é fruto do humor. O riso pode ser ameaçador. Por outro lado, o humor e o riso, também podem ser muito libertadores. Sabe-se que uma pitada inesperada de humor é capaz de desfazer um clima tenso num instante.

A leveza causada pelo humor contrapõe inúmeras considerações que enfocam certas padronizações, valorizando fundamentalmente aspectos estruturalistas. Entretanto, há uma mudança em marcha que expressa o esforço em pensar uma concepção de sujeito que enfatiza a criação subjetiva dos significados entre as pessoas, pois:

The concept of individuality also bespeaks a host of ambiguities. The physical matter of the human body is in ongoing process of birth and decay (so that the assemblage of cell has changed completely in some seven years), while the individual's sense and sensing of identity is continuous. The senses of the human body operate in terms of repeated, momentary apperceptions (moments of being) which are singular and diverse, and from which the individual builds up a variety of different knowledges and perspectives, or word-views; and yet, one feels oneself to be consistent and coherent at any one time, and that one's views develop logically over time (RAPPOT; OVERING, p. 185, 2000)

Os limites do humor são definidos por sua função na retórica: a hilaridade serve para conquistar a plateia. Assim, tenta-se explicar melhor o papel do humor: a crítica direta e irrestrita. Nessa perspectiva, o humor reveste-se de graça e é capaz de fazer surgir definições sobre sua natureza e intencionalidade que podem ir desde sua extração da deformidade e da desgraça até a satirização de pequenos fatos da vida social, sem gerar constrangimentos ou vergonha. É dessa forma que o humor se incorpora na cotidianidade das pessoas, pois apresenta maior liberdade de “tocar” as pessoas sem ser invasivo.

O humor é divertido e sério ao mesmo tempo; é uma qualidade vital da condição humana. Ele também fornece pistas para o que é realmente importante na sociedade e na cultura. O humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas e nos oferece um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura. Desta forma, pretende-se fornecer evidências das funções e dos significados do humor, abrangendo comunidades e estudos etnográficos.

O humor é um tema enganoso e de difícil exploração em termos multiculturais

e temporais. A análise antropológica e histórica do humor pressupõe a consciência de que a realidade é constituída de fatores sociais e culturais e a hilaridade é uma experiência social, cultural e, inexoravelmente, comunicacional. A esse respeito e sobre comunicação e as experiências sociais, Vološinov cita o pensamento de Marx ao dizer que:

The 'we-experience' is not by any means a nebulous herd experience; it is differentiated. Moreover, ideological differentiation, the growth of consciousness, is in direct proportion to the firmness and reliability of the social orientation. The stronger, the more organized, the more differentiated the collective in which an individual orients himself, the more vivid and complex his inner world will be (VOLOŠINOV, 2006, p. 88).

Essa perspectiva é um dos pontos de convergência da antropologia e da história cultural. O primeiro problema encontrado tanto por antropólogos quanto por historiadores é um problema de *linguagem*, um problema de discurso, de duplo ou múltiplos sentidos.

Na tentativa de se superar uma situação que pode ser embaraçosa, incômoda e atordoante para as duas partes, o humor e o riso encontram uma área comum de comunicação e um alívio para a tensão inerente à situação. O riso torna suportável o insuportável. Rir e provocar risos, assim como a compreensão do senso de humor, é um grande passo para se familiarizar com um fato estranho ou, minimamente, gerar uma maior aproximação com o objeto ao qual o humor se refere.

Vários discursos sempre serviram de inspiração para o humor, mas o discurso político sempre foi alvo destacável das influências do humor. Ainda mencionando alguns aspectos históricos, as piadas políticas eram consideradas subversivas, sobretudo nos antigos países comunistas, por expressarem a solidariedade de pessoas comuns contra os “estranhos” opressores. Por isso as piadas tradicionais, incluindo as novas do tipo tradicional, são, em geral, “politicamente incorretas”. Elas correspondem aos sentimentos das pessoas comuns, reunidas em grupos também comuns, hostis às minorias dominantes, sejam elas políticas ou intelectuais, que representam os estranhos. Dessa forma, percebe-se que, tradicionalmente, o humor está ligado a fatores histórico-culturais.

O ato de contar piadas era parte da conversação, como aponta alguns estudos sobre linguagem e sociedade. É certo que essa arte humorística era mais presente nas classes altas. Isso pode ser explicado pelo fato da grande expectativa de que as pessoas bem-educadas não só soubessem se ocupar de conversação, mas também era esperado que elas soubessem ser espirituosas e divertidas, uma característica a qual os estimuladores e defensores da urbanidade estavam bem atentos.

Para o autor, o domínio da conversação espirituosa e divertida era a grande marca de civilidade. Suas ideias corroboravam com os manuais de civilidade anteriores a sua época nos quais a conversação junto com um uma interessante seleção de piadas e anedotas, incluindo, indiscutivelmente, a arte de contar tais piadas, compunham o material humorístico em si.

O humor se opõe principalmente ao discurso, ao comportamento e às ações inoportunas. Assim, o humor apodera-se subitamente da agenda política, provocando uma breve e contida explosão de riso, estimulada por uma só consciência e expressividade coletiva, ou seja, o humor é um dispositivo de dizeres e seus significados por meio do discurso.

O humor, entendido com qualquer mensagem expressa em atos, palavras, escritos, imagens ou músicas cuja intenção é provocar o riso ou um sorriso, é uma característica social que pode ser identificada em todos os períodos históricos, desde a Antiguidade. Contudo, apesar de alguns – entre eles os de Freud e Bergson –, o humor tem sido negligenciado por historiadores e pesquisadores de outras disciplinas.

Desta forma, pretende-se estudar o humor como uma chave para a compreensão de códigos, culturas, religiões, grupos sociais e profissionais. Assim, pretende-se estudar, numa perspectiva cultural, o colóquio sobre o assunto e seus desdobramentos na história da arte, história da literatura, na antropologia, na língua(gem) etc.

4 | A COMUNICIDADE NA PROGRAMAÇÃO DE ENTRETENIMENTO

A influência dos meios de comunicação não se limita ao jornalismo. A indústria cultural despeja sobre o público, incessantemente, códigos e símbolos, que contribuem para a formação de visões de mundo. São representações da sociedade, das relações entre os gêneros, as classes e as nações, transmitidas através do cinema, dos seriados de televisão, dos magazines, das histórias em quadrinhos ou, ainda, da publicidade comercial, que vende, a própria ideia do consumo. Daí, flagra-se uma teia complexa de relações entre os produtores e veiculadores. Os consumidores passam a representar as produções dos meios midiáticos, neste caso, o ideológico, como é apontado por Strinati:

Em primeiro lugar, considera-se que o pós-modernismo descreve o nascimento de uma ordem social na qual os meios de comunicação de massa e a cultura popular governam e moldam todas as outras formas de relacionamentos sociais, daí sua importância e poder. A ideia é que os signos da cultura popular e as imagens veiculadas pelos meios de comunicação dominam crescentemente nosso senso de realidade e a maneira como nós definimos e vemos o mundo ao nosso redor (STRINATI, 1999, p. 217).

O que interessa de momento, porém, é o lado mais instantâneo da influência da programação de entretenimento, em vez da formação de uma hegemonia ideológica a longo prazo: seu entrelaçamento com a atualidade, contribuindo para a inclusão de certos temas na agenda pública e beneficiando determinados enquadramentos. Trata-se de um fenômeno cada vez mais perceptível, em diversas partes do mundo.

No caso dos debates que centralizam a cultura brasileira e sua inequívoca relação com o mundo da imagem televisiva, na teia das relações em que a cultura e os valores culturais estão inseridos, constrói-se uma aproximação entre tais valores

envolvidos em uma concepção materialista da história cultural, pois os homens estabelecem relações determinadas na produção social da vida do indivíduo. Ou seja, na concepção materialista da história da cultura, fundamentalmente, na totalidade destas relações de produção materialista, está a base econômica da sociedade, pois “o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Pois, “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência” (MARX; ENGELS, 2010, p. 97).

No Brasil, o caso é especial, pois é longa, no país, a tradição de uma estreita ligação entre o entretenimento e o factual. Apesar das telenovelas se fixarem como o principal produto da indústria cultural do país, os programas humorísticos vêm somatizando de forma hilária e aprazível todo o percurso semanal de fatos que envolvem a sociedade. Essa somatização é consubstanciada por muito humor, inteligência e criatividade. Esse caráter sintópico, transforma os fatos, através de uma linguagem recriada em algo alegre, embora originalmente não o seja.

Os meios audiovisuais de comunicação experimentam na sociedade contemporânea uma expansão e aperfeiçoamento de seus veículos mundiais de divulgação da informação através da implantação dos satélites artificiais. A televisão, como exemplar desse veículo de comunicação, apresenta maior vinculação com a cultura oral, atingindo, por conseguinte, rapidamente os públicos e incorporando-as à contemporaneidade. É exatamente a partir dessas e de outras características que se procura delinear a potencialidade desses veículos.

Os veículos de comunicação têm finalidades específicas e bem direcionadas. Através de sua estrutura mercadológica, negociam-se e vendem-se produtos e serviços, podendo ser de natureza bastante variada. Para tanto, precisam, indubitavelmente, conhecer o público-alvo, isto é, para quem certo produto ou serviço será ofertado que pode ser uma dieta nova no mercado, uma roupa ou acessório da moda, um trecho turístico, um automóvel, casas ou apartamentos ou simplesmente a língua(gem). No caso dos programas de entretenimento (humorísticos), não seria adequado negociar dieta, remédios, eletrodomésticos, eletrônicos etc. A linguagem humorística aqui analisada e representada por bordões, combinação de elementos modificadores da estrutura mórfica das palavras (justaposição, aglutinação), slogans etc., formam o arcabouço utilizado pela programação de entretenimento da televisão brasileira, fazendo da língua muito mais que a mediadora de fatos. Sob essa perspectiva ela, a língua(gem), é transformada em um instrumento capaz de fidelizar o cliente (telespectador), seduzindo-o através de jogos linguísticos e da hilaridade.

Partindo dessas elocubrações e dos objetos de estudos de Sírio Possenti e de Roberto Baronas, segundo Gregolin (2003, p. 14), nos quais esses pesquisadores analisam os debates sobre a “língua portuguesa” na imprensa brasileira, intencionar-se-á entender a aplicabilidade da língua portuguesa nas teias do discurso humorístico televisivo tornando-a objeto mercadológico de consumo. Esse consumo, pode-

se dizer que é invisível considerando não se tratar de um objeto físico, palpável, mas que tem relevantes implicâncias sobre as práticas sociais rotineiras. Falsas questões, análises sem qualquer base científica fazem que o enunciar sobre a língua se transforme na materialização de ideologias e de preconceitos.

Recortando o termo ideologia,

Entre a prática e a teoria, estaria instalada a ideologia. Uma teoria diria a verdade de uma prática, enunciaria suas condições de possibilidade, enquanto a ideologia não faria senão legitimar essa prática com uma mentira, dissimularia suas condições de possibilidade. Segundo Lansan, aliás bem recebido pelos marxistas, seus rivais não tinham teoria, senão ideologias, isto é, ideias preconcebidas (COMPAGNON, 2014, p. 20).

Ao falar sobre a língua, esses textos produzem o controle sobre o uso das formas linguísticas, vigiando os atos ideológicos e dialógicos, impondo posturas verbais específicas. São dispositivos de vigilância que pretendem disciplinar o uso da língua, legislando em nome de intencionalidades como forma de captação de usuários de novas formas linguísticas como marcas de identidade de um programa “laboratorizado” para grandes públicos. É a batalha pela degustação dos novos slogans linguísticos.

A mídia é uma produtora dos acontecimentos discursivos do presente. A questão central que se coloca é: como se constrói essa história espetacularizada numa sociedade imersa nas novas tecnologias, formada por saberes voláteis, efêmeros?

Acompanhando as análises deduzimos que uma das respostas a esta questão pode ser encontrada na forma como é manejada a temporalidade. O acontecimento, como uma “história ao vivo”, de que estamos imersos numa temporalidade da qual suspendeu-se o contingente distanciamento. Assim:

Por meio desse agenciamento do tempo, nessa escrita da história realizada pela mídia, apagam-se as determinações da operação historiográfica produzida de um certo lugar, por sujeitos, por discursos. Cria-se a aparência de uma história que se faz por si mesma, sem sujeito, sem determinação das ideologias, no cruzamento entre uma atualidade e domínios de memórias que não pertencem a ninguém. No interior dessa imensa operação de “desubjetivação” da História, negociam-se identidades por meio da fusão entre ideias do passado e sua restauração na atualidade (GREGOLIN, 2003, p. 15).

A memória passa pelos expedientes históricos, muitos dos quais ficam depositados não apenas no campo da consciência. Por estes expedientes, Fink (1998) diz que o inconsciente não é algo que se conhece, mas algo que é sabido. O inconsciente é algo que é registrado passivamente, tacitamente, inscrito ou contado. Para Fink (1998, p. 42), “esse saber desconhecido faz parte da conexão entre significantes; ele consiste nessa mesma conexão. Esse tipo de saber não tem sujeito, nem precisa de um”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado não teve o propósito de mapear uma definição concreta da natureza universal da linguagem e sua aplicabilidade nas diversas movimentações linguísticas da enunciação e da interação verbal, uma vez que a linguagem ressemantiza-se a partir de cada nova realidade no tempo e no espaço. Tentou-se, sim, descrever como a língua, de certa forma, comunga e autoriza, por sua própria estrutura, inelutavelmente evolutiva, os novos usos que seus próprios falantes organizam. Da mesma forma, a frequência dos atos de fala redimensionam a língua cada vez que ela é posta em funcionamento através de seus sentidos e significações.

Viu-se que a atribuição de sentidos através da linguagem é uma tarefa que requer algo mais que o conhecimento estrutural da língua, tornando-se fundamental analisar para além da sequência de palavras formadoras do enunciado, do modo de abranger as condições de produção, o contexto sócio-histórico-cultural que seduz a interação verbal e a enunciação, numa tentativa de assentar e realinhar a silhueta dos dizeres e agentes que acompanham a língua(agem) em seu percurso mutável e evolutivo.

Desvelou-se a interação verbal como ambiência de uma atividade coletiva de produção de sentidos linguísticos, seus resultados e funcionamento das (re) negociações linguística(s) e suas atividades regularizadoras de significação através de mecanismos modernos de comunicação de massa.

A mídia televisiva foi estudada como um dos aparelhos tecnológicos de grande força e influência nas novas formas e realidades linguísticas, tratando a língua(gem) como um grande espetáculo de audiência e como um produto midiático forte, carregado de (re)significações semânticas e pragmáticas. Passando, a televisão, a negociar a linguagem, promovendo o encontro entre televisão e telespectador, capturando o falante, fazendo com que a linguagem resultante desta união seja muito mais que um fim, mas um meio de propagação e divulgação de um produto: a linguagem do humor.

Viu-se o humor explorando os jogos de linguagem convidando-a a quebrar as formas ortodoxas da comunicação, constituindo, assim, um novo modo de dizer e representar as coisas de forma inovadora e criativa, utilizando, para tanto, o cenário da hilaridade para a construção de um espaço indiscutivelmente prazeroso e lúdico. Essa é uma ação silenciosa e imaterial, e, como tal muito frequentemente o falante desconhece o poder residente na língua.

Percebeu-se que o objeto linguístico não é individualizado em si. Ele faz parte de uma propriedade intrínseca, independentemente de uma de uma conceptualização linguística e cultural uma vez que os propósitos linguísticos fazem parte de mundo que envolve os usuários da língua e suas intenções dialógicas, todas representativas da imensidão do cenário ideológico e linguístico do falante.

Por fim, analisou-se que o emprego da língua se efetiva em forma de enunciados, discursos, sejam eles orais ou escritos, construídos por quaisquer integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses diferentes enunciados marcam fatores específicos presentes em um referido campo não apenas por seu conteúdo, pelo estilo da linguagem e seus recursos ou pelas composições fraseológicas e gramaticais, mas acima de tudo, por sua composição estrutural. Esses constituintes da linguagem, fazem da língua e de sua utilização, um dos mais espetaculares fenômenos da linguagem: a comunicação.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DAMATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. trad. Maria de Lourdes Sette, Miriam Aparecida Nogueira Lima. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**: quatro ensaios. trad. Marcus de Martini. São Paulo: É Realizações, 2013.
- GREGOLIN, Maria do R. et al. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. (Coleção Olhares Oblíquos).
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. trad. José Paulo Netto e Miguel Makoto Calvalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- RAPPORT, Nigel; OVERING, Joanna. **Social and cultural anthropology**: the key concepts. London: Routledge, 2003.
- ROODENDURG, Herman; BREMMER, Jan. (Org.). **Uma história cultural do humor**. trad. Cynthia Azevedo; Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- STRINATI, Dominic. **Cultura popular**: uma introdução. trad. Carlos Szlac. São Paulo: Hedra, 1999.
- VOLOŠINOV, V. N. **Marxism and the philosophy of language**. trad. Ladislav Matejka and I. R. Titunik. London: Harvard University Press, 2006.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 13, 14, 15, 16, 19, 21, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 107, 112, 113, 119, 120, 121, 165, 188, 194, 199, 210, 211, 212, 228, 238, 240, 245, 266

Aquisição 16, 20, 61, 65, 71, 76

Autismo 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

B

Bakhtin 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 134, 222, 223, 225

C

Complexidade 3, 4, 57, 58, 59, 65, 103, 114, 223, 286

Cotidiano escolar 10, 81, 82

Cultura cômica 123, 124, 126

D

Dança 9, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 240, 277, 278, 279, 280, 281, 285, 301

E

Educação de jovens e adultos 199, 208, 209, 210, 211, 216

Educação informal 227

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 31, 33, 34, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 94, 95, 97, 107, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 165, 167, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 201, 202, 208, 209, 210, 211, 212, 238, 239, 240, 245, 246, 266, 295, 296, 299, 306

Estudos linguísticos 72, 122, 217, 218, 223, 225

F

Formação 1, 2, 3, 4, 8, 14, 16, 17, 26, 52, 61, 62, 66, 69, 70, 71, 74, 83, 84, 87, 88, 89, 92, 93, 96, 107, 120, 121, 130, 146, 151, 157, 159, 160, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 204, 206, 211, 212, 216, 223, 224, 239, 246, 279, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304

G

Gêneros textuais 15, 18, 20, 113, 118, 119, 120, 121

I

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 8, 12, 16, 17, 20, 22, 35, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 63, 64, 65, 75, 104, 110, 112, 113, 116, 118, 119, 120, 132, 180, 181, 220, 237, 238, 239, 281, 297, 298

Imaginário 1, 50, 52, 148, 248, 265

Interação 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 25, 63, 69, 76, 78, 105, 106, 109, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 133, 174, 175, 195, 220, 223, 227, 239, 286, 287, 288, 292, 301, 302, 304

Interacionismo Sociodiscursivo 6

L

Leitura 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 25, 61, 81, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 119, 120, 152, 158, 159, 161, 162, 179, 185, 187, 196, 197, 198, 206, 212, 215, 236, 289, 290, 291, 293, 298

Letramento 13, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 208, 209, 211, 212

Linguagem 6, 11, 13, 15, 16, 18, 37, 58, 62, 63, 70, 97, 99, 100, 102, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 151, 159, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 203, 209, 210, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 284, 286, 287, 295, 299, 300

Língua inglesa 69, 70

Língua portuguesa 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 86, 87, 89, 95, 96, 97, 112, 119, 131, 143, 175, 194, 212, 247, 306

Literatura 106, 123, 124, 126, 127, 130, 134, 144, 145, 146, 147, 150, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 194, 196, 197, 198, 247, 248

Livro de artista 23, 24, 25, 26, 27, 33, 34

M

Memória 4, 25, 52, 102, 104, 105, 107, 124, 132, 146, 150, 158, 176, 223, 236, 260, 261, 281

Midiática 123, 190, 239

Multiculturalismo 61, 62, 63, 70, 90

Multimodalidade 283, 284, 285, 286, 288

O

Ópera 152, 202, 203

P

Personagem 35, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 102, 136, 139, 143, 148, 149, 150, 151, 180, 181, 182, 214

Povo indígena 278, 280

R

Rede digital 184

S

Sala de aula 1, 5, 6, 13, 61, 63, 68, 70, 76, 82, 83, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 197, 209, 240, 304

Sistematização 95, 119, 296, 302

T

Tecnologias digitais 6

V

Vivências 8, 109, 157, 159, 167, 235, 238, 239, 278, 280

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-704-8



9 788572 477048